



## SENSIBILIZAÇÃO: UM CONCEITO À INCLUSÃO

Autor: Rita Souza de Castro (1); Co-autor (1) : Kellen Cristina Florencio Ferreira; Co-autor (2): Gabriela Ferreira R. de Souza; Co-autor (3); Luciana Rolim; Orientador (4): Celeste Azulay Kelman

*Autor - Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro- [ritacastroz@hotmail.com](mailto:ritacastroz@hotmail.com); Co-autor(1) Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro- [kellpsic@hotmail.com](mailto:kellpsic@hotmail.com); Co-autor(2) Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro- [gabrielafrsouza@gmail.com](mailto:gabrielafrsouza@gmail.com); Co-autor(3) Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro; [Luciana\\_rolim@hotmail.com](mailto:Luciana_rolim@hotmail.com); Orientador(4) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)- [celeste@kelman.com.br](mailto:celeste@kelman.com.br)*

### Resumo

O presente trabalho visa relatar experiências sobre inclusão vivenciadas em duas escolas públicas da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Esse trabalho foi desenvolvido a partir de um curso de formação continuada intitulado “Formação de Professores para a Inclusão do Público-alvo da Educação Especial – refletindo, planejando e agindo”, organizado pelo Observatório de Educação Especial do Rio de Janeiro (OEERJ, 2015). O trabalho de campo teve como objetivo geral promover estratégias de aprimoramento da inclusão na educação. Como objetivos específicos buscou oferecer, através de atividades lúdicas de sensibilização, oportunidade dos profissionais das duas escolas conhecerem mais sobre as deficiências e/ou transtornos e transformar as concepções dos profissionais que atuam nessas unidades, a partir de experimentação de situações cotidianas. Adotou-se como procedimento metodológico de investigação a pesquisa qualitativa, baseada nos princípios da ação colaborativa. Duas escolas do município do Rio de Janeiro concordaram em participar da dinâmica, a qual teve a intenção de sensibilizar seus profissionais sobre a importância do processo de inclusão na educação e permitiu observar o comportamento e posicionamento dos mesmos em relação às questões que envolvem a inclusão de alunos com deficiências e transtornos do espectro autista em classe regular. Em ambas se desenvolveu um planejamento que envolvia apresentação de conceitos de vários tipos de deficiências, através da exibição em slides e filmes; seguidos de debate e questionamentos. Resultados revelaram preconceitos e transformação na práxis pedagógica contextualizada dos professores e funcionários que participaram do trabalho.

**Palavras-chave:** Sensibilização, inclusão escolar, pesquisa-ação colaborativa.

### Introdução

O debate sobre a integração e a inclusão de pessoas com deficiências nas escolas esbarra em um conflito de definições. Alguns dos documentos que fundamentam a Educação Especial, como o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008) foram consultados. É possível verificar algumas divergências entre os conceitos de inclusão e integração, apesar de estes ainda serem



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

confundidos, por vezes, e considerados como sinônimos.

No século passado, a partir das décadas de 80-90, os alunos se adequavam à escola. Depois da Declaração de Salamanca, na Espanha em 1994, é a escola quem deve se preparar para receber adequadamente a variedade de alunos que a compõe. A comunidade escolar precisa estar atenta às especificidades de cada aluno. Isso não significa recebê-lo na sala de aula e deixá-lo isolado em um espaço da sala ou da escola, ainda que possa estar acompanhado de um mediador ou intérprete. Esta atitude favorece uma exclusão dentro da inclusão. Faz-se necessário que os profissionais da educação, gestores, professores e funcionários da escola descubram as potencialidades desse aluno e como utilizá-las para aperfeiçoar o seu desenvolvimento acadêmico e social na escola. O processo de inclusão envolve algumas dificuldades, como a aceitação da turma para com o aluno que faz parte do público alvo da Educação Especial, possíveis preconceitos, dificuldades de relacionamento e aprendizagem, ansiedades que o aluno especial gera na sala e suas próprias ansiedades e também as frustrações decorrentes dos possíveis fracassos, tanto do aluno como dos seus professores.

A inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos. Ela é vista principalmente como a colocação em prática de valores que incluem não apenas os do público alvo da Educação Especial, mas a todos os alunos da escola que possam estar sofrendo algum tipo de exclusão. Valores como justiça, respeito e solidariedade, por exemplo. É um compromisso com determinados valores que explicam o desejo de superar a exclusão e promover a participação de todos. Se não estiver vinculada a valores profundamente enraizados, então a tentativa de inclusão pode reduzir-se a simples adesão a uma tendência em voga ou a obediência a instruções superiores em decorrência de políticas públicas, sem implicar em práticas transformadoras (INDEX, 2011).

De acordo com a concepção sociohistórica sobre o desenvolvimento humano, Vygotsky (1989, p. 83) menciona:

O ser humano se constitui como sujeito a partir de sua interação social com o mundo. É a possibilidade de comunicar-se com os outros, de entender e se fazer entendido que impulsiona o desenvolvimento.

Nessa perspectiva, para que o professor seja um agente facilitador da inclusão, a sua prática pedagógica e sua formação devem estar fundamentadas no entendimento de como o



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

aluno se relaciona com o mundo, especialmente como os alunos que constituem o público alvo da Educação Especial se comunicam com o mundo e se fazem entender.

O entendimento é atingido quando todos os educandos interagem entre si, evidenciando que a natureza das relações construídas entre professores e alunos não é um elemento neutro. São dimensões integrantes e constitutivas do processo de inclusão (GIOLO, 2010). Ainda segundo o mesmo autor, o bom professor é aquele que vive profundamente uma experiência cultural e se apropria, sistematicamente, dela e dos meios necessários para proporcionar ao aluno a mesma experiência e a mesma apropriação. Esse processo é denominado de empatia. Trata-se de todos se apropriarem dos meios necessários para proporcionar ao outro/professor ou aluno uma experiência sensível e positiva. O processo de se sensibilizar para com a causa do outro implica em identificação com o mesmo e suas necessidades, presumindo sentir o que o outro está sentindo. É ser capaz de transmitir experiências e conhecimentos, levando em consideração as limitações, deficiências ou particularidades do aluno que constitui o público alvo da educação especial ou que, de outra forma, apresenta alguma dificuldade ou transtorno. Essa sensibilidade é que faz do professor um elemento chave no processo de inclusão do aluno na sala regular. Piaget chamava a este processo, de descentração, significando colocar-se na perspectiva do outro, pensar como o outro, desenvolvendo, portanto, a empatia.

A autonomia, por exemplo, tida como a atitude ou o modo de ser específico da sociedade moderna e democrática, é na verdade a expressão de uma relação entre pessoas, uma relação de igualdade e de respeito que mobiliza a dimensão individual e livre de cada um (GIOLO, 2010). Assim sendo, fica clara a necessidade de estarem presentes durante o processo de formação dos profissionais da educação valores como a autonomia, a empatia e a sensibilização.

Para Kelman (2010), na perspectiva sociocultural de Vygotsky, também conhecida como sociointeracionista, o homem é visto como um sujeito que constitui sua singularidade na interação com o meio, transformando-o e sendo transformado por ele em uma relação de reciprocidade que é determinada pela cultura.

Carvalho (2006) questiona o que pensam e o que sentem os professores, em relação aos seus alunos que apresentam dificuldades intelectuais. A autora aponta a necessidade de criar mecanismos para que o alunado com essas características e seus



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

professores se integrem emocionalmente ao processo de inclusão. Arantes (2000) nos remete à teoria de Wallon, que enfatiza a relação entre a afetividade e a cognição, ressaltando que estes aspectos devem estar associados durante o processo da aprendizagem. Wallon menciona também que as emoções são comunicadas e se transformam em uma ferramenta de sobrevivência da criança, tentando disparar no outro a sensibilização. Na escola, esse outro é o profissional da educação, professor, intérprete, orientador, ou mesmo os seus pares, colegas de turma. A expressão tônica da criança, sua postura emocional, pode ser um elemento indicador de que está ocorrendo um processo de inclusão, ou não, promovendo ou inibindo o psiquismo que está sendo construído pelo aluno com necessidades especiais. Assim, emoção e inteligência, apesar de seguirem caminhos próprios, se entrecruzam.

Por que os alunos que possuem necessidades especiais são “esquecidos” ou “ignorados” no ambiente escolar, mesmo que tenham sido incluídos nesse espaço? Será que as práticas pedagógicas que são desenvolvidas nas escolas têm contribuído para que o aluno incluído se sinta parte do espaço escolar? A escola tem tido um comportamento preconceituoso ou tem sido sensível às necessidades dos seus alunos?

Esse trabalho teve como objetivo desenvolver estratégias que venham contribuir com a inclusão na educação, sensibilizando o olhar, os sentimentos e as ações dos profissionais envolvidos no dia-a-dia da escola. Teve como objetivos específicos oferecer, através de atividades lúdicas de sensibilização, a oportunidade dos profissionais das duas escolas envolvidas de conhecerem mais sobre as deficiências e/ou transtornos e transformar as concepções dos profissionais que atuam nas duas escolas, a partir de experimentação de situações cotidianas. Houve a proposta de que ele se colocasse no lugar do outro, seu aluno com deficiência, de forma que a chance de compreender e incluir aumentou.

## **Metodologia**

O presente trabalho teve a intenção de compartilhar experiências vivenciadas em duas escolas públicas da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Ele foi construído como atividade final de participação no 3º Ciclo de Formação do Observatório de Educação Especial do Rio de Janeiro (OEERJ), em 2015. O curso, intitulado “Formação de Professores para a Inclusão do Público-alvo da Educação Especial – refletindo, planejando e agindo” foi uma atividade de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

extensão de formação continuada. A motivação para participar do curso era, para todas, a inquietação sobre os procedimentos dentro do cotidiano escolar a respeito do entendimento da inclusão. Muitas questões precisavam de resposta. O que fazer para que os profissionais de minha escola se tornem sensíveis à inclusão? Como possibilitar aos professores que atuam nas classes regulares uma melhor compreensão das deficiências ou transtornos que alguns dos alunos apresentavam? Como modificar as práticas que ocorrem no chão da escola que atribuem ao professor da sala de recursos a responsabilidade pela inclusão dos alunos público alvo da Educação Especial?

A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo. De acordo com Rey (1999), a metodologia de base qualitativa se apoia em três pilares: (1) o conhecimento é resultado de uma produção construtivo-interpretativa; (2) o conhecimento é produzido a partir da interação entre pesquisadores e pesquisados e (3) cada campo de pesquisa é único e singular. Na perspectiva qualitativa se ressalta ainda, de forma detalhada, a construção do conhecimento desde a definição do problema, formulação dos objetivos, escolha da metodologia e do referencial teórico. Barbato (2008) descreve as fases de elaboração de um estudo dessa natureza e aponta que a validade de um estudo qualitativo se dá pelo rigor com que se planeja, constrói e analisa os dados. Por ser uma pesquisa de enfoque colaborativo, participantes e pesquisadores buscam coletivamente identificar o problema e encontrar soluções para resolvê-lo. A pesquisa deve se aproximar da realidade escolar, entende-se que o trabalho aqui descrito representou uma atividade social, de base empírica, concebida através da realidade, buscando ação e resolução de problemas, coletivamente. Esse tipo de pesquisa visa tomar ações para cooperar com a realidade identificada, tendo a finalidade de transformá-la. Sarmiento & Casagrande (2015) ressaltam que não basta somente compreender, mas é preciso, a partir dessa compreensão, contribuir para a transformação, tanto dos sujeitos, quanto de suas realidades e contextos.

O Index (BOOTH; AINSCOW, 2011) foi escolhido como instrumento mediador prioritário, pois permite uma reavaliação contínua da práxis pedagógica da equipe escolar. As escolas que usam o Index descobrem que consultar as crianças e jovens pode romper barreiras à aprendizagem e encontrar coletivamente formas de eliminá-las; auxilia na seleção das prioridades para o plano de desenvolvimento escolar e contribui para se fazer mudanças inclusivas coerentes. O Index ressalta que no processo de inclusão o



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

paradigma colaborativo predomina.

O Index destaca ainda que as escolas precisam ter práticas de acolhimento e aponta a teoria de compensação (VYGOTSKY, 1997) como um fator de desenvolvimento e aprendizagem. A teoria da compensação analisa que as crianças que têm um defeito biológico (assim chamado à época), utilizam mecanismos para se adaptar às condições do padrão de normalidade. Esse mecanismo é eminentemente cultural. Os processos compensatórios visam melhores resultados no processo de desenvolvimento e aprendizagem e são formas sociais de adaptação da criança que apresenta algum tipo de deficiência.

A experiência aqui narrada teve como objetivo geral promover estratégias de aprimoramento da inclusão na educação. Como objetivos específicos buscou oferecer, através de atividades lúdicas de sensibilização, a oportunidade dos profissionais das duas escolas envolvidas de conhecer mais sobre as deficiências e/ou transtornos e transformar as concepções dos profissionais que atuam em duas escolas, a partir de experimentação de situações cotidianas. A ideia de colocar-se no lugar do outro, fundamentou as dificuldades encontradas pelos alunos com deficiência no dia-a-dia e a possibilidade de refletirem sobre suas próprias ações enquanto profissionais da educação.

Essa pesquisa iniciou-se com levantamentos bibliográficos de livros e artigos que tratam da temática, tanto metodológica quanto epistemológica. A presente pesquisa buscou colaborar com as comunidades escolares envolvidas, promovendo a inclusão *lato sensu*. Para a realização dos objetivos, foram adotados os seguintes procedimentos: (a) visita de campo em duas unidades escolares do município do Rio de Janeiro; (b) desenvolvimento de um planejamento que envolvia a apresentação de conceitos em slides, filmes, dinâmicas envolvendo os vários tipos de deficiências, com debates, onde os professores e funcionários se posicionaram em relação ao tema, colocando suas indagações e seus anseios.

As escolas aceitaram participar da proposta dessa pesquisa-ação. As atividades aconteceram em dois dias, cada dia em uma escola. Participaram da primeira escola oito professores do segundo segmento do ensino fundamental (professores de Matemática, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, História, Geografia e Ciências), a diretora-adjunta, uma coordenadora e quatro funcionários da companhia pública de coleta de lixo que atuava na



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

escola, tendo um total de 14 participantes. Na segunda escola participaram nove professores do primeiro segmento do ensino fundamental, o diretor geral, a diretora adjunta e a coordenadora, somando 12 participantes.

O projeto se desenvolveu em três momentos, conforme descrição abaixo.

O primeiro momento: exibição do vídeo “Ex - ET” com o objetivo de mostrar através da animação as críticas e as situações vivenciadas por famílias com filhos especiais, ilustrando a realidade de uma sociedade que busca uma escola homogênea e tradicional e se depara com o real e não sabe como lidar com tal situação.

O segundo momento: realização da dinâmica de sensibilização, com o objetivo de vivenciar as dificuldades enfrentadas por alunos com deficiência e transtornos do espectro autista. Sobre a deficiência visual, o participante voluntário aceitou receber um tapa-olho. Em seguida foi solicitado a tentar se locomover pela sala e pegar um determinado objeto sem auxílio. Sobre a deficiência auditiva, foi oferecido um tapa-ouvidos ao voluntário, enquanto os demais participantes falavam bem baixo na sala. O voluntário teria que tentar entender o que estava acontecendo na sala e o que os demais estavam falando. Sobre a deficiência física, o voluntário foi colocado em uma cadeira de rodas e, tinha que tentar alcançar um objeto em uma estante bem alta, além de ter que se locomover em um espaço apertado e pouco acessível. Sobre a paralisia cerebral, se ofereceu um bombom a um voluntário, pedindo para que o colocasse na boca. Em seguida se solicitou que ele se comunicasse com os demais, o que ficou muito difícil, dado que a situação da boca cheia provocou uma salivação excessiva. Ao voluntário com proposta de dificuldade na motricidade fina, foi colocada uma luva maior que sua mão e se pede que ele tente pegar uma agulha em uma caixa cheia de objetos. Para o candidato com transtorno opositor, mesmo sendo apresentadas diversas opções agradáveis, o voluntário sempre respondeu negativamente a tudo, demonstrando querer, porém sua resposta era sempre “não”. Para a ecolalia, o voluntário repetia as últimas palavras de uma frase, dificultando a comunicação. Para cada uma dessas situações, depois da dramatização seguiu-se uma discussão sobre os problemas vivenciados.

O terceiro momento: apresentação dos slides que relatavam a afetividade e a empatia como um grande passo para a inclusão. Ao se colocar no lugar do outro fica mais simples planejar e idealizar ações positivas que promovem a inclusão de todos. Finalizando, o filme



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

“Cordas” foi apresentado, com o objetivo de mostrar formas criativas de superar obstáculos.

Ao final da apresentação foi feita uma avaliação. Foi entregue aos participantes um formulário com duas questões: O encontro foi produtivo? Por quê? Durante toda apresentação os profissionais tinham total liberdade para participar perguntando ou expondo suas ideias e coletivamente refletiam as práticas cotidianas.

**Resultados e Análise dos Dados:** Uma reflexão sobre a dinâmica desenvolvida com professores e funcionários

No Index para a inclusão (BOOTH; AINSCOW, 2011), em *palavras de encorajamento* (p. 6), entre outros, os itens 1, 5 e 8 nos chamaram a atenção pelo fato de que vivenciamos no cotidiano das escolas algo análogo ao ali descrito Os itens estão abaixo descritos:

*“1. Começando – Começar por qualquer parte é muito melhor do que não começar”!*

*5. Selecione questões que você ache que contribuam para a remoção de barreiras à aprendizagem e à participação em sua escola e compartilhe com outros. Pense como recursos pouco considerados anteriormente podem ser mobilizados agora. Considere como os funcionários, as crianças, as famílias, podem contribuir com seus conhecimentos e experiências para identificar e superar barreiras.*

*8. (...) O que você gostaria de mudar de forma que suas ações reflitam mais aproximadamente seus valores? ” (INDEX, p.6).*

Desta forma, a dinâmica realizada com os professores e funcionários de escolas da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro teve a intenção de sensibilizá-los sobre a importância de uma escola inclusiva e permitiu observar o comportamento e posicionamento dos mesmos em relação às questões que envolvem a inclusão de alunos com deficiências e transtornos do espectro autista em classe regular. Acreditou-se que desta forma pôde levantar dados sobre a realidade e contribuir para transformá-la através de uma práxis pedagógica contextualizada e continuada. Abaixo segue a opinião de uma das professoras participantes da escola do primeiro segmento, a segunda escola pesquisada:

*Esse encontro foi muito gratificante, seria muito bom ter novos encontros como esse para que pudéssemos estar reavaliando as nossas ações! Momentos como esse deveriam ser repetir!*

O diretor da segunda escola também deu sua opinião dizendo:

*Vocês, professores que realizaram essa dinâmica e trouxeram essa visão sobre a deficiência, estão de parabéns, pois foi muito proveitoso para quem participou dessa apresentação!!*



Durante a dinâmica realizada foi possível perceber que apesar da receptividade da equipe muitos anseios e indagações estavam circulando na atmosfera naquele momento, pois mesmo tendo convivência diária e boa vontade com alguns alunos incluídos, faltam-lhes saberes específicos e maior sensibilidade que os ajudem a construir uma prática inclusiva no dia-a-dia. Um professor de Geografia fez a seguinte observação:

*Eu não recebi treinamento para trabalhar com alunos deficientes!!*

Outro professor de Língua Portuguesa perguntou:

*Como funciona essa sala de recursos? Nós professores podemos usar os materiais que estão disponíveis nessa sala?*

A partir de alguns questionamentos observou-se que professores de turma regular e professor de sala de Recursos Multifuncionais não possuem uma efetiva interação. As perguntas dos professores permitiram que toda a equipe escolar refletisse sobre a realidade escolar local e essa mesma equipe percebeu que precisa de mudanças.

Inicialmente, todos ficaram apreensivos na dinâmica, até porque alguns profissionais ainda defendem a concepção de um lugar exclusivo para educar alunos com deficiência. Uma outra dificuldade expressa foi o fato de que não são capazes de diferenciar algumas deficiências, como por exemplo, distinguir alunos com Deficiência Intelectual de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Uma professora da escola do segundo segmento questionou a inclusão, dizendo:

*Não é que eu não tenha sensibilidade, mas eu não tenho suporte para trabalhar com aluno que possui um comprometimento que exija maior atenção, na minha sala de aula não tenho recursos!! Além disso, tenho mais quarenta alunos para dar atenção!!*

### **Considerações Finais**

Durante o planejamento da dinâmica nas escolas, o processo de elaboração de material e durante a realização da mesma foi possível observar algumas situações problemáticas que sempre se fizeram presentes como, por exemplo, a falta de tempo que os professores têm para planejar, discutir e ampliar seus conhecimentos. A ausência de suporte físico, material e pessoal também torna frágil o processo de inclusão de alunos que estejam necessitando de suporte pedagógico. Esta carência de suporte não se refere somente aos alunos especiais e sim



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

a todos aqueles que, por algum motivo, não acompanham o desenvolvimento previsto e não aprendem no mesmo ritmo que os demais.

Estes e outros motivos compõem as barreiras que dificultam os processos de aprendizagem. Antes, essas barreiras eram supostamente depositadas na deficiência de cada ser humano; nos dias atuais, no entanto, sabe-se que para suprir as dificuldades decorrentes das necessidades especiais, a sociedade deve se expressar, fornecendo respostas educativas a todos. Portanto, os profissionais da área da educação devem estar em constante aprendizado, formulando construtos teóricos através de estudos e pesquisas e discutindo e construindo juntos as suas práticas para embasar e renovar suas ações.

A educação é para todos. A qualidade na educação também. Os profissionais precisam se deparar com os desafios, sair da zona de conforto e buscar novos caminhos. Não é mais possível se aceitar o discurso que diz “eu não fui preparado para isso”. A sensibilidade deve estar presente no discurso e na ação dos professores, mas o suporte para a compreensão dos problemas deve ser encontrado nos caminhos de uma formação continuada para transformar a ação do professor e dos demais profissionais da educação.

Identificar os obstáculos e gerar hipóteses, descobrir potenciais e explorá-los, repensar e idealizar juntos, levantar dificuldades e buscar parcerias podem ser o início para uma saída da inércia, escondida por trás do “eu não sei trabalhar com ele”; ou do “eu não recebi capacitação”; ou ainda do “mas, e os outros alunos?”. Ao buscar solução para estas afirmativas, o ganho será para todos.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Série Pesquisa; vol. 13, Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

ARANTES, V. **Cognição, afetividade e moralidade**. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 26, no. 2, p. 137 – 153, jul/dez 2000.

BARBATO, S. **Metodologia de Pesquisa Qualitativa**. Brasília: Editora UnB, 2008.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora: 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, Lei 9394/96. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Brasília, 07 de janeiro de 2008.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Educação**, Lei 13005. Brasília, 2014.

BOOTH, T. & AINSCOW, M. **Index para a inclusão**. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Traduzido pelo LaPEADE, 2011.

CARVALHO, R.E. **Educação Inclusiva: com os pingos nos Is**. 4ª. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

\_\_\_\_\_, R.E. **Removendo as barreiras para a aprendizagem**. 8ª. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

GIOLO, J. **O ensino à distância e a formação de professores**. Política da Educação Superior, Passo Fundo, n. 11, p. 17, 2010.

KELMAN, C. A. Sociedade, educação e cultura. In ALBUQUERQUE, D.; SILVIANE, B. (Orgs). **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília: Editora UnB, 2015, 2ª ed., p. 15-58.

NUNES, R. P. (org) **Novas Trilhas no modo de fazer pesquisa em Educação Especial**. São Carlos: Marquezine & Manzini: ABPEE, 2014.

PLETSCH, M. D. **Repensando a inclusão escolar: Diretrizes, práticas curriculares e deficiência intelectual**. Rio de Janeiro: Nau, 2014.

PRIOSTE, C. D. **Diversidade e adversidades na escola: queixas de professores frente à educação inclusiva**. 2006. p. 11. Trabalho de pesquisa (Mestrado em Psicologia e Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

REY, F.G. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: Educ. Editora da PUC-SP, 2003.

SARMENTO, D.F. & CASAGRANDE, C.A. (2015). **A Construção do Projeto Político Pedagógico: Contribuições da Pesquisa-Ação Colaborativa**. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 23 (65). <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.v23.1725>.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ª Ed. São Paulo: Bookman, 2005.